

|                 |
|-----------------|
| CEDI - P. I. B. |
| DATA 11/07/83   |
| COD. MAP 55108  |

PROJETO DE COMUNICAÇÃO SOBRE SAÚDE ENTRE OS NAMBIQUARA DO  
VALE DO GUAPORÉ

Aluna : ALBA LUCY GIRALDO FIGUEROA

Professor Orientador : DR. EGON SCHADEN

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Pós-Graduação - 1º semestre de 1983

## INDICE

|      |   |      |    |
|------|---|------|----|
| I    | INTRODUÇÃO  | pag. | 3  |
|      | A - Descrição da área do Projeto  |      | 3  |
|      | B - Histórico do contato  |      | 4  |
|      | C - Situação atual de contato   |      | 7  |
| <br> |   |      |    |
| II   | PROJETO DE COMUNICAÇÃO ORIENTADO AO MELHORA-<br>MENTO DA SAÚDE ENTRE OS GRUPOS NAMBIQUARA DO<br>VALE DO GUAPORÉ |      | 10 |
| <br> |   |      |    |
| III  | ANTECEDENTES DO PROJETO   |      | 17 |
|      | Condições de trabalho   |      | 17 |
| <br> |   |      |    |
| IV   | FASES PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO   |      | 22 |
| <br> |   |      |    |
| V    | ASPECTOS GERAIS DE REALIZAÇÃO   |      | 27 |
|      | . Quantos índios incluídos?   |      | 27 |
|      | . Cronograma para 15 meses  |      | 27 |
|      | . Assistente médico   |      | 29 |
|      | . Problemas de produção   |      | 29 |
|      | . Sobre orçamentos  |      | 30 |
|      | . "ORÇAMENTO A" - Equipamento   |      | 34 |
|      | . "ORÇAMENTO B" - Manutenção para 15 meses  |      |    |
|      | . Valor Total do Projeto para 15 meses  |      |    |
| <br> |   |      |    |
|      | ANEXO 1   |      | 38 |
|      | ANEXO 2   |      | 39 |
|      | ANEXO 3   |      | 43 |
|      | BIBLIOGRAFIA  |      | 44 |

PROJETO DE COMUNICAÇÃO SOBRE SAÚDE ENTRE OS NAMBIQUARA DO  
VALE DO GUAPORÉ

I INTRODUÇÃO

A - Descrição da área do Projeto

Os Nambiquara moram no noroeste do Estado de Mato Grosso e no sul do Estado de Rondônia, entre 58° 30' e 60° 50' a oeste de Greenwich e entre 11° 40' e 15° ao sul do Equador, região da fronteira do Brasil com a Bolívia, entre o rio Guaporé (afluente do Mamoré-Madeira), e as nascentes dos rios Paraguai e Juina (afluente do Juruena-Tapajós).

O acesso terrestre à área é normalmente feito pela estrada BR-364 que liga as capitais de Mato Grosso e Rondônia. Saindo-se de Cuiabá, a aldeia mais próxima fica a mais de 600Km, e a mais afastada a 900 Km, aproximadamente. As distâncias entre uma aldeia e a mais próxima variam sensivelmente, sendo a distância média de 95 Km. As aldeias principais são aproximadamente 15. A mais de 900 Km de Cuiabá, em direção a Porto Velho, encontra-se o único centro urbano para o abastecimento de gêneros alimentícios, peças para veículos, atendimento hospitalar, telecomunicações, etc. Trata-se de Vilhena, cuja população é de aproximadamente 70.000 habitantes. O resto são fazendas de gado, colônias agrícolas, pensões de beira de estrada, milhares de caminhões de carga e um altíssimo fluxo de peões e migrantes, dos mais baixos escalões socio-eco

nômicos, à procura de trabalho e terras.

#### B - Histórico do contato

Documentos registram as primeiras incursões de não-índios em território nambiquara, desde a segunda metade do século XVIII. Inicialmente, são os portugueses e, principalmente, escravos fugidos das minas coloniais. Contatos intermitentes se estabelecem só a partir da segunda década deste século: primeiramente com a chegada da Comissão Rondon, encarregada de estender a linha telegráfica às fronteiras ocidentais; posteriormente, através de funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, missionários e seringueiros. O projeto do governo foi, desde Rondon até nossos dias, integrar os índios ao sistema nacional e, dentro desta política, houve várias tentativas para seu aproveitamento econômico, inclusive a que ocorreu durante a II Grande Guerra, quando os Nambiquara também produziam borracha como parte de um acordo entre o órgão do governo, S.P.I., e a Rubber Development Corporation.

Também, desde a década de 40, as epidemias se fazem cada vez mais frequentes, sendo principalmente: o sarampo, a gripe, a pneumonia, a bronquite e a tuberculose, que dizimam drasticamente a população. Segundo estimativas de Rondon, no início do século havia 10.000 Nambiquaras; o cálculo de Price para essa mesma época é de 5.000; Levi-Strauss, em 1938, estimou em 2.000. Em 1969, Price registra 550 e atualmente estão em torno de 800.

Com a abertura da estrada BR-364 (Quiabá - Porto Velho) iniciada em 1960, a invasão da região se intensifica e torna-se definitiva: grandes fazendas agropastoris são implantadas nas terras indígenas com o apoio burocrático e econômico de diferentes setores e projetos do governo. O índio passa a ser espectador, no seu meio ambiente milenar, da chegada de milhares de peões, de gigantescas derrubadas e da agroprodução em grande escala: desfolhantes químicos, sementeira aérea de capim, arame farpado e a privatização da passagem, estradas de acesso com porteiros privativos, milhares de cabeças de gado tomando conta da paisagem, feita pastagem, e poluindo as águas; estas agora manipuladas (desviadas, canalizadas).

A movimentação geral dos recém-chegados em meio a seus empreendimentos agropastoris e madeiros - canivões, motosserras, tratores, aviões, o trabalho de construção de imóveis, a lida com o gado e o funcionamento geral das fazendas força os índios a perambular por fazendas e acampamentos, coletando nestes lugares, - ganhando ou disputando em "saques" - alimentos dos não-índios. Uma descoberta para os índios: o açúcar; atrás de alimentos adoçados, os índios abandonam suas lavouras ricas em milho, bananas, abóboras, mamão, etc. Segue-se a desestruturação geral dos vários grupos sociais que durante milênios habitaram o rico Vale do Guaporé. Tornaram-se frequentes os surtos de gripe e infecções das vias respiratórias, a malária e a desidratação causada por diarreias, entre outras doenças, que antes do con-

tato os índios pouco conheciam.

O escândalo atinge níveis internacionais. O governo, através da FUNAI, decide investir numa tentativa de regularização da situação indígena na região, criando em 1974 o Projeto Nambiquara, destinando uma verba e contratando três técnicos indigenistas, e, inicialmente, um antropólogo. Para estes ficou alguma margem de ação, basicamente assistencial, com muitas limitações e muitos momentos de impotência. O controle de decisões fundamentais, como as referentes à terra e às políticas agrárias ou rurais aplicadas na região, fica centralizado em Brasília e em Cuiabá; o planejamento regional é feito geralmente sem levar em consideração a presença dos índios e a peculiaridade de sua cultura. O Projeto Nambiquara contribuiu para a recuperação dos diferentes grupos indígenas, estimulou e ajudou nas atividades tradicionais, deu cobertura em algumas das inovações adotadas pelos índios após contato, como o suministro de ferramentas, tecidos e alguns utensílios, ofereceu atendimento à saúde através de, inicialmente, um enfermeiro contratado temporariamente para atender a todos os diferentes grupos nambiquara, do norte, do campo e do Vale do Vale do Guaporé. Posteriormente foram contratadas atendedoras de enfermagem para cada um desses conjuntos de grupos. Parece que recentemente foram contratadas mais atendedoras e um médico dá atendimento a todos os Nambiquara. Iniciou-se também um programa de educação que aproveitou a presença, até 1977, dos lingüistas-missionários do Summer Institute of Lin

guistics, em duas escolas de ensino bilingüe, uma entre os Mamaindé e outra para os índios do Campo e do Vale. Lamentavelmente as escolas foram paralizadas sem que, até o presente, algum programa formal de educação, ou outra atividade neste sentido, tenha sido desenvolvido na região. Um outro campo em que o Projeto Nambiquara contribuiu foi no da comercialização do artesanato e no de extração e comercialização da seringa.

#### C - Situação atual de contato

Desde 1981 começou a se concretizar o plano, dentro do grande projeto do governo chamado Polonoroeste, do asfaltamento e construção de uma variante da estrada BR-364, passando literalmente dentro de várias aldeias Nambiquara no Vale do Guaporé.

O Banco Mundial, entidade que financia a construção da estrada, em síntese, aprovou um orçamento que seria aplicado pela FUNAI para a salvaguarda dos índios. Reservas foram decretadas e, aparentemente, seguem-se as providências para as demarcações.

Cresceu enormemente o fluxo de peões, trabalhadores de toda classe, viajantes e outros, nas imediações das aldeias indígenas, e são ameaçadoras as expectativas para o futuro. No primeiro semestre de 1982, houve uma epidemia de coqueluche entre os Wassusu e, em geral, a incidência de doenças contagiosas e parasitárias é cada vez mais frequente e diversificada. De fato, os esquemas adotados para assistir os índios têm melhorado progressivamente, mas ainda estão longes de ser sufi-

cientos e resolver todos os problemas. As pessoas que trabalham no setor de saúde têm manifestado reiteradamente a necessidade, sentida por todos, de que se faça alguma coisa que reforce o seu trabalho.

Sente-se a necessidade da realização de programas de comunicação que informem e eduquem para a prática de uma medicina mais preventiva e não somente terapêutica como a atualmente praticada. Programas que recuperem o amplo conhecimento e as técnicas adaptativas que os índios têm de seu meio ambiente, que incentivem o desenvolvimento autônomo de estratégias de melhoramento das condições de vida das comunidades, que corrijam os desvios provocados pelo contato desordenado, que viabilizem e reforcem iniciativas dos índios na adoção de inovações, que venham substituir, sem violência para o sistema indígena, as crescentes carências que ameaçam a vida futura dos grupos e indivíduos indígenas. É necessário um programa de informação que permita aos índios uma visão mais clara do contexto socio-econômico em que se encontram inseridos, dos perigos que páiram sobre seu futuro a médio e longo prazo, dos recursos com que atualmente contam e eventualmente poderiam contar. Em suma, são necessários programas de comunicação que mostrem caminhos de saída de um presente difícil e ameaçador em direção a um futuro em que adaptações importantes à nova situação garantam a continuidade da existência, não só de indivíduos destribalizados, mas dos grupos indígenas como um todo. É necessário que os índios tenham condições de perceber que a eles mesmos



compete a procura e escolha dos caminhos que mais lhes convenham, que há sempre saídas possíveis, que outros grupos sociais, indígenas ou não, no Brasil e em outros países as tiveram, que atualmente eles contam com a ajuda de uma verba e alguns não-índios que se preocupam e trabalham pelos índios cujo destino esta sob a influência da BR-364, mas que essa ajuda não vai durar para sempre. O cronograma do projeto aprovado pelo Banco Mundial tem a duração de 5 anos. A FUNAI, provavelmente, continuará presente, mas seguramente com menos recursos que os atuais.

## II PROJETO DE COMUNICAÇÃO ORIENTADO AO MELHORAMENTO DA SAÚDE ENTRE OS GRUPOS NAMBIQUARA DO VALE DO GUAPORÉ

Trata-se de um projeto piloto de comunicação cujo objetivo básico é fazer o levantamento dos diferentes fatores que incidem nas condições de saúde atual e futuras das comunidades Nambiquara do Vale do Guaporé, com o fim de que tais fatores, uma vez abertos à consciência e discussão, passem a sofrer a interferência da ação da própria comunidade com vistas a um melhoramento sócio-económico.

Partindo do fato de que a situação de saúde, após contato, é muito diferente daquela antes do contato, pensamos na importância que teria um projeto de comunicação que facilite uma troca de informações entre ín-dios e não-índios a respeito do saber que uns e outros possuem sobre o próprio corpo e as questões de saúde, doença e cura. Uma troca que permita a cada parte ter uma visão mais clara de como a outra parte concebe sistemas classificatórios e instituições ligadas a esses temas. Espera-se que a dita troca desencadeie um processo comparativo que estabeleça analogias, paralelismos e diferenças, e realce essencial-mente o que há de unitário em meio à diversidade. Visa-se que esse processo redunde no auto-melhoramento do desempenho de índios e não-índios no relativo à sobervidência indígena.

Por terem sido as doenças infecto-contagiosas as responsáveis pela drástica queda da população após o con

tato, é fundamental que os índios passem a compreender melhor, e, se possível, assimilar o conceito de doença contagiosa, ou, no mínimo, adotar atitudes práticas, passando a reconhecer, no meio do seu cotidiano, qual é a trajetória seguida pelos germes das doenças, desde os núcleos de população não-indígena até as malocas in indígenas. É necessário que os índios firmem a consciência de quais as mudanças ambientais e sociais que contribuem direta ou indiretamente para a perda de saúde. É necessário que da consciência eles passem à adoção de estratégias de auto-defesa, tais como a evitar os lugares de contágio como a estrada, por onde transitam também a gripe, o coqueluche, o sarampo, a hepatite, a tuberculose, etc. Que se passe a evitar a aculturação alimentar errônea, a dependência de produtos industrializados, como o açúcar cristalizado. Evitar o consumo de álcool e de tabaco industrializado. Que se passe a compreender a necessidade de ter determinados cuidados com os animais domésticos como o gato, o cachorro e o porco, hospedeiros de tantas doenças como a toxoplasmose, a leishmaniose visceral e parasitoses várias. É necessário que os índios não somente aceitem as vacinas que eventualmente lhes são dadas, mas que passem a assumir uma atitude mais ativa, demandando vacinações e fazendo o controle da caducidade das mesmas. É necessário que se firme entre os índios a importância da conservação da cultura tribal com suas festas, cerimônias e formas coletivas de produção para a manutenção do equilíbrio psíquico. É necessário, enfim, que os índios

firmam a consciência da necessidade de proteger não só seu meio ambiente, mas o seu "ethos" integral.

Igualmente é importante que médicos, enfermeiros e outros que trabalham com os índios valorizem os conhecimentos que os próprios índios têm das doenças anteriores ao contato, a idéia que fazem das novas doenças, os sistemas interpretativos ligados a etiologia, sintomatologia e terapia. Serão registrados seus conhecimentos sobre plantas medicinais, massagens e outros, e procurar-se-á que essas informações sejam colocadas à disposição de enfermeiras, médicos e indigenistas que trabalham com os grupos, com a intenção de que o trabalho destes fique enriquecido e interferirá só até o ponto em que seja estritamente necessário. Esse registro constituirá valioso trabalho de recuperação da memória cultural e de afirmação entre os próprios índios de sua identidade étnica.

Achamos conveniente que, por sua vez, os índios tenham mais informação sobre medicina entre os não-índios.

Informar-lhes que existem vários sistemas, entre os quais aquele que eles conhecem por via de médicos e enfermeiras: a medicina ocidental ou alopática, cujo uso é predominante no Brasil. É importante que eles se façam uma idéia dos outros sistemas que existem: a homeopatia, a acupuntura, Do-in, a medicina popular, etc.

É importante que eles confirmem a existência nesses sistemas de práticas semelhantes às de sua tradição, como o uso de plantas e massagens.

De igual forma, pode-se facilitar a compreensão analó-

gica da pessoa e do trabalho dos agentes de medicina entre os índios e não-índios. Quem é o pajé e quem é o médico, qual a formação e qual a prática de cada um. Que são os hospitais, laboratórios, ambulatórios, enfermarias, etc. quais são os benefícios e também os perigos nestes lugares, onde eles se localizam, quando procurá-los, etc.

Além de melhor informar os índios sobre aspectos pertinentes da medicina geral, este projeto se propõe a incentivar conhecimentos e práticas da medicina preventiva, elaborando uma programação referente à produção e consumo de alimentos, e de certas medidas de saneamento e/ou outros assuntos que venham a ser relevantes ao tema.

O melhoramento sócio-econômico é uma meta a atingir pela combinação de vários fatores, dentre os quais consideramos fundamental o da informação-educação referente a saúde. Este projeto de comunicação se propõe a ir além do simples discurso verbal (do dizer o que seria conveniente) para passar a ativar ou abrir canais possíveis até que metas concretas sejam atingidas.. Por exemplo: se a questão é carência proteica na alimentação de uma comunidade, o programa de informação-educação somente terá atingido sua meta quando a dita comunidade tenha passado, por influência do programa, a encontrar uma solução de ordem prática, por exemplo, a criação de algum animal doméstico e seu consumo como fonte de proteína. Mesmo que para isto se apele inicialmente para a ajuda de instituições externas aos índios, sejam

oficiais ou alternativas. Isto é, atuará na consecução dos recursos materiais para esse melhoramento, procurará estar entrosado com o trabalho realizado e a ser realizado por indigenistas, enfermeiros e a médica que atuam na área. Por princípio se dará prioridade às soluções autônomas e as que impliquem um mínimo de dependência.

Os grupos com os quais terá início a experiência serão os Wasúsú, Katditaunlhú, Wáikatdésu, Alakadésu, Álàndésu, Erahidaunsú, Kwalinsàndésú, Nandésu, Aigngudésú, de acordo com Price, David, The Nambiquara, in Occasional Paper 6, Cultural Survival Inc., Oct. 1981, pgs 23-27.

Trata-se de um projeto-piloto porque, uma vez testado com resultados positivos na região do Vale do Guaporé, poderá ser posteriormente aproveitado como método e eventualmente como conteúdo entre os outros grupos da família Nambiquara, e posteriormente entre outros grupos que pertencendo a grupos lingüísticos e culturais diferentes, enfrentam situações de contato idênticas ou muito similares, e estão expostas, portanto, à extinção via doença. É este o caso das populações indígenas da área de influência do Projeto Polonoroeste, cuja densidade se calcula entre 7.000 ou 8.000 índios. Consideramos o video-tape<sup>1</sup> como o instrumento que possui a maior funcionalidade operacional, o mais ágil e de maior plasticidade para se adaptar às condições próprias dos índios, por exemplo viver em pequenos grupos ou aldeias, manter um ciclo de atividades de sobrevi-

vência que não pode ser abandonado, como o exige em muitos casos uma escola tradicional, cujos longos períodos chegam a interferir nas atividades normais de colheita, caça, pesca, fazendo-se necessário o fornecimento de alimentos aos estudantes, o qual acarreta dependência e distúrbios no ciclo anual de produção. O video-tape, uma vez que é disponível a qualquer momento, se ajusta melhor à prioridade que os índios dão a estas atividades. Facilita a adaptação das mensagens à língua indígena e às peculiaridades do discurso entre os índios, por exemplo, o alto grau de redundância. Permite, além do mais, o acompanhamento do cotidiano indígena e o registro dos momentos em que as circunstâncias são propícias às doenças, material que pode ser trabalhado, analisado e organizado didaticamente, aproveitando a experiência não só dos indigenistas, enfermeiras e médica locais, mas também as contribuições que, à distância, podem ser dadas por educadores, antropólogos e outros profissionais, como agrônomos e veterinários. Existem, em São Paulo, médicos ligados à Escola Paulista de Medicina que têm manifestado seu interesse em colaborar em projetos desta natureza, com o uso de técnicas audio-visuais e video-tape<sup>2</sup>.

Por outro lado, há muito material suscetível de ser utilizado, que já foi produzido ou pela Organização Mundial da Saúde ou por universidades e outras instituições, tais como filmes, video-tapes e audio-visuais que podem ser aproveitados uma vez que se conte com a versatilidade do video-tape, permitindo a desmontagem

de materiais que foram construídos num discurso apropriado para outros destinatários e cujas unidades sintagmáticas podem ser remontadas dentro de um discurso adequado aos índios.

Trata-se, enfim, de um trabalho experimental de natureza multidisciplinar que requer a colaboração de várias pessoas e instituições entre as quais se procurará estabelecer e instrumentalizar a comunicação.

1 Video Anexo 1

2 Video Anexo 2



### III ANTECEDENTES DO PROJETO

#### Condições de trabalho

Como antecedentes importantes que viabilizam a realização deste projeto temos:

- O trabalho desenvolvido pelo projeto Nambiquara, criado pela FUNAI em 1974. A cargo de três indigenistas e inicialmente de um antropólogo e dispendo de uma verba para funcionamento e contratação de terceiros, esse projeto organizou, na medida que lhe foi possível, um atendimento de saúde, abriu uma escola que funcionou durante três anos, estimulou o melhoramento das roças e o comércio de artesanato e, posteriormente, a extração de borracha. A mais importante realização deste projeto foi fazer com que a população voltasse a crescer, e que alguns grupos do Vale do Guaporé que se encontravam em 1974 desestruturados, perambulando pelas fazendas a procura de açúcar e migalhas, apresentem uma notável recuperação social, econômica e moral.

Técnicos indigenistas e enfermeiras que trabalham nesse projeto há cinco ou mais anos adquiriram ao longo dessa experiência valiosos conhecimentos da cultura e da língua destes grupos e ganharam sua plena aceitação social. Os apelos que são feitos para que sejam oferecidos aos índios programas de educação que os ajudem a superar essa difícil fase da construção da variante e do asfaltamento da estrada BR-364 em seus territórios tradicionais, vêm destas pessoas. Contamos com a sua colaboração. Vale anotar que o rascunho deste projeto foi submetido a seus valiosos comentários, tendo rece-

bido, em geral, entusiástico respaldo..

- . Há dois linguístas do Summer Institute of Linguistics com mais de 15 anos de trabalho com a língua Nambiquara, que já fizeram alfabetização na língua indígena e prepararam monitores bilingües entre os próprios índios. Tanto eles como os monitores podem ser convidados para participar deste trabalho, adaptando e eventualmente, produzindo textos em nambiquara e/ou traduzindo para o português.
- . Existe uma pesquisa feita pela ecologista Eleonore Setz, da Universidade de Campinas, sobre ecologia alimentar em aldeias nambiquara da floresta e do cerrado; é importante que seus resultados revertam em benefício dos índios. Essa pesquisa deve converter-se numa fonte de dados para este projeto de comunicação.
- . Igualmente devem reverter aos índios, através deste projeto, os resultados de outras pesquisas realizadas na área. Tal é o caso dos cálculos ergométricos contidos na tese do antropólogo Paul Aspelin sobre a produção artesanal dos Mamaindé, importante contribuição para um programa de economia comercial.
- . Um outro antecedente que permite considerar como viável este projeto é a experiência que os índios já têm da utilização de equipamento moderno para fins de comunicação. Todos os índios da região conhecem a fotografia, e apreciam muito os álbuns que os chefes de posto organizam com as fotos que lhes são remetidas por pesquisadores e fotógrafos que passam a visitar as aldeias. Igual atitude têm para com os livros e revistas que

contêm fotografias de Nambiquaras ou de outros indígenas. Têm, porém, problemas com fotografias de pessoas mortas, por isso, parece-nos mais conveniente os resultados imediatos do sistema de VT.

Todos os índios estão igualmente familiarizados com gravadores e fitas magnéticas. Desde 1974 utilizam o gravador do Chefe de Posto para o envio de mensagens de uma aldeia a outra e fruem intensamente das gravações cassette dos cantos e flautas de suas festas e dos vizinhos.

Parece comum a todas as aldeias o gosto pela música sertaneja que os regionais não-índios escutam através de rádios ou tocadiscos. Muitos índios já compraram rádios e na aldeia de Aroeira, por exemplo, em julho de 80, com aproximadamente 40 habitantes, havia três tocadiscos e mais de 30 discos comprados pelos próprios índios. Evidentemente este grupo é mais aculturado que os grupos do Vale do Guaporé, mas a tendência aqui é a mesma.

Desde há vários anos, a FUNAI se utiliza da comunicação por rádio entre os Postos Indígenas e a Delegacia Regional de Cuiabá. Geralmente, este é utilizado para comunicar tarefas burocráticas, anunciar visitas e solicitar algum atendimento urgente. Hoje, todos os Nambiquara percebem a utilidade do sistema.

O governo brasileiro, como parte dos seus planos de desenvolvimento da região, vem estendendo a ela os modernos sistemas de comunicação. Uma pesquisadora da Universidade de São Paulo, Laura dos Santos Prates, da Es

cola de Comunicação e Artes, contou ter visto, em julho de 1982, numa aldeia dos Paacas Novos, em Rondônia, todos os índios de uma aldeia assistirem no Posto Indígena às novelas e outra programação comercial produzida para o público dos grandes centros urbanos. E assistiam mostrando um enorme interesse, apesar das dificuldades cabíveis numa linguagem, numa programação que não foi feita pensando neles.

Em breve, como um fato incontestável, a televisão penetrará em toda a região e os Nambiquara, como os Paacas Novos, estarão expostos a este meio. (Vide Milanesi, L. Augusto, O Paraíso via Embratel).

- São muitas as dificuldades e problemas que traz às comunidades indígenas uma escola nos moldes tradicionais que conhecemos entre os brancos: os longos períodos de ensino que conflitam, como mencionamos, com as tarefas de sobrevivência. A falta de praticidade dos currículos convencionais, adaptados geralmente à vida urbana e aos ideais da cultura nacional, do Estado Nacional, e pouco ou nada à diferença étnica e às necessidades cotidianas dos índios. Os índios sentem a necessidade de um aprendizado mais funcional, que os prepare para enfrentar o desafio das atuais circunstâncias. De todos os modos, este projeto não pretende tomar o lugar da escola tradicional, mas constitui-se, na realidade num esforço paralelo e complementar. Vale dizer também que não há escola nesta região. Aliás, atualmente, em nenhuma das aldeias nambiquara.

Queremos deixar claro que estamos cientes de que o ví-

deo-tape, assim como a escola se constituem numa interferência cultural que, apesar dos esforços em contrário, resulta investida de uma certa autoridade que, se não impõe soluções, de maneira mais ou menos sutil corroborava propostas, operando em favor de um controle da mudança social de tipo autonomista.

Trata-se de uma opção que procuramos tendo em vista dois fatos fundamentais: 1) Existe já demasiada interferência em território nambiquara, a maior parte prejudicial e atendendo aos interesses dos outros, raramente dos índios. Em oposição, o objetivo deste projeto é atender aos interesses dos índios, de um modo prioritário, e, por extensão, atender de um modo harmonioso, lentamente, mas sem traços de etnocídio, aos apelos nacionais de integração do índio à sociedade brasileira como um todo. Acreditamos que somente com uma regularização da mudança social, em que os índios, conservando sua autonomia, optem pelas inovações e ajustes que mais lhes convenham, aprendendo no seu próprio ritmo e dentro de suas categorias cognitivas, avançando mais um passo só após uma satisfação anterior, poder-se-á efetuar uma verdadeira integração dos índios na sociedade nacional. Conferimos em experiências anteriores que há dinâmica e motivação nestes grupos só quando passam por experiências satisfatórias. Quando há alegria há celebração da vida, e esta vem sempre junto com muita produtividade. 2) Através dos agentes indigenistas e enfermeiras sabemos que os índios compreendem o sentido deste projeto e aprovam a sua aplicação.

#### IV FASES PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Consideramos necessário realizar este projeto em duas fases: uma de anteprojeto, de caráter consultivo e referencial, e uma fase do projeto propriamente dito, de produção de programas e sua veiculação aos índios. A primeira determinará modificações possíveis e o conteúdo da segunda.

##### Anteprojeto

Nesta fase se submeterá a idéia do projeto à consideração das partes que estariam envolvidas, e se elaborarão relatórios:

- 1.0) Consulta às comunidades indígenas, através de visita da coordenação do projeto às aldeias, junto com a médica responsável pela área Nambiquara, quando será feito um levantamento preliminar sobre a situação de saúde e dos problemas que a comunidade vive nesse sentido, para que, finalmente, carências, aspirações e expectativas sejam traduzidas em demanda de programas informativos e didáticos.

Seria interessante que nesta fase, neste ponto, seja testada a introdução do sistema vídeo-tape. Isto é possível mediante uma programação que explore o aspecto lúdico e de divertimento do aparelho, assim como seu potencial comunicativo. É possível produzir uma programação simples, preliminar, que abra caminho para a familiarização, por parte dos índios, com o sistema VT, e que ao tempo

responda, desde o início, a suas expectativas e gostos. Por exemplo, pode ser introduzido como um instrumento mais completo com a mesma função conhecida do gravador cassette, para enviar mensagens de uma aldeia para outra, ou para ver também, e não somente ouvir os cantores da música sertaneja de que tanto gostam. Muito provavelmente os próprios índios começarão logo a sugerir outros usos para o aparelho, ficando assim aberto o canal para um trabalho mais sistemático.

- 2.0) Pesquisa entre os agentes da medicina indígena (identificação destes). Noção do próprio corpo, conceitos sobre saúde, doença, tratamentos e cura, uso de plantas medicinais, massagens e outros conhecimentos que sejam referidos pelos informantes como pertinentes à área de interesse.
- 3.0) Consulta aos técnicos indigenistas, às enfermeiras e à médica que trabalham na área, que, com certeza, terão muitas informações e sugestões a oferecer, tiradas dos longos anos de experiência no contato com os índios. Todas estas pessoas deverão ser entrevistadas e levadas em consideração suas sugestões.
- 4.0) Consulta à FUNAI, aos seus assessores do setor de saúde e membros da Equipe Volante de Saúde.
- 5.0) Os lingüistas Meno e Barbara Kroeker, Peter Kingstén e Ivan Lowe, os antropólogos Paul Aspelin e David Price, e a ecologista Eleonore Setz são todos pesquisadores com longa experiência de convívio

vio com os Nambiquara, que podem fazer contribuições muito valiosas principalmente através do aproveitamento de suas pesquisas. São importantes neste sentido a sua bibliografia e os contatos que se possam estabelecer com estas pessoas.

6.0) Existem também uma série de pessoas com experiência em trabalhos indigenistas noutros lugares que poderão ser eventualmente consultados na sua área de especialização, seja saúde, educação, agricultura, pecuária, técnicas artesanais, comércio, etc. Colaboração muito importante foi oferecida pelos membros do Centro de Trabalho Indigenista, com vários projetos de desenvolvimento comunitário em áreas indígenas.

7.0) Elaboração de relatórios parciais e um relatório conclusivo sobre os aspectos levantados até este ponto, mais uma avaliação dos resultados.

8.0) Consulta e discussão com os Assessores gerais do projeto: Dr. Egon Schaden, orientador acadêmico, Prof. José Augusto Milanessi, com tese em comunicação televisiva; Dr. João Paulo Botelho, assessor médico; a equipe médico-odontológica do PN do Xingú, vinculados à Escola Paulista de Medicina, consultores médicos; antropólogas Maria Eliza Ladeira e Aracy Lopes da Silva, consultoras em educação.

Avaliação final com elaboração de relatório contendo proposta para uma programação básica informativo-educativa sobre questões de saúde que afe-



tam o presente e futuro das comunidades indígenas do Vale do Guaporé, especificamente, e em sentido mais amplo das populações indígenas da área de influência do Polonoroeste.

Projeto

- 9.0) Produção da Programação Básica informativo-educativa sobre questões de saúde dirigida aos índios Nambiquara.
  - 9.1) Produção de material gravado no campo e na cidade. (Nas aldeias do Vale do Guaporé, na estrada, em Vilhena, Cuiabá e São Paulo).
  - 9.2) Tradução de nambiquara para português e de português para nambiquara pelos funcionários da FUNAI na área, eventualmete pelos lingüistas ou pelos monitores que estejam em condições de realizar este trabalho.
  - 9.3) Montagem e finalização do material em São Paulo.
- 10.0) Exibição do trabalho nas aldeias para sua discussão e aproveitamento.
- 11.0) Articulação necessária à materialização dos benefícios socio-econômicos. Isto é, adiantamento de programas rumo a metas concretas propostas pelos próprios índios como solução a seus problemas. (Por exemplo criação de animais para consumo, etc.)
- 12.0) Produção de relatório sobre a experiência.
- 13.0) Produção e montagem de programa relativo às co

munidades indígenas para ser veiculado entre os núcleos populacionais envolventes.

V ASPECTOS GERAIS DE REALIZAÇÃO

• Quantos índios incluídos?

- Na primeira fase, aproximadamente 400, habitantes do Vale do Guaporé como indicado em II.

Pensar-se-á que são poucos e que não se justifica o investimento. Podemos responder, que ficam poucos mas estão crescendo. É absolutamente necessário ajudar-lhes a se adaptar às condições atuais.

Eles são os únicos sobreviventes de vários povos diferentes. É válido pagar qualquer preço para lhes ajudar no momento em que mais o necessitam.

• Cronograma para 15 meses

Para quem conheça como funcionam as coisas nos nossos países tropicais, compreendera que um cronograma para um trabalho desta natureza está sujeito a modificações, mas na suposição de que tudo corra normalmente e realizando paralelamente várias atividades, propomos o seguinte esquema de trabalho:

| <u>Tempo</u>                       | <u>Fases</u>  |
|------------------------------------|---|
| 3 meses<br>(Agosto, Set.,<br>Out.) | ( 1.0 - 2.0 - 3.0 - 4.0. (Consulta aos índios, técnicos, enfermeiras, médicos FUNAI. Introdução do VT e pesquisa sobre medicina indígena).<br>( 1 passag./2 pessoas (São Paulo - Cuiabá - Vilhena - Vale do Guaporé - Cuiabá - S. Paulo). |

|  |   |
|--|---|
| 3 meses<br>(Nov. - Jan.,<br>Fev., Março) <sup>1</sup>  | ( 5.0, 6.0, 7.0, 8.0, (Consulta<br>{ com pesquisadores dos Namb.,<br>{ CTI, relatórios. Consulta com<br>{ orientadores. Bibliografia).  |
| 4 meses<br>(Abril, Maio,<br>Junho, Julho) <sup>2</sup> | ( 9.0 (Produção de VT cidades e<br>{ campo).<br>{ 1 passag./3 pessoas (São Pau-<br>{ lo - Cuiabá - Vilhena - Vale<br>{ do Guaporé - Cuiabá - São Pau-<br>{ lo).   |
| 4 meses<br>(Agosto - Set.,<br>Out., Novembro)          | ( 10.0, 11.0, 12.0, 13.0 (Exibi-<br>{ ção, metas concretas, Relató-<br>{ rio, Programa VT p/população<br>{ envolvente).<br>{ 1 passag./2 pessoas (São Paulo<br>{ - Cuiabá - Vilhena - Vale do<br>{ Guaporé - Cuiabá - São Paulo.) |

1 Dezembro: recesso

2 De novembro a maio é temporada de chuvas.

### Assistente médico

Consideramos que a realização deste projeto é possível com a participação de várias pessoas. A coordenadora deverá acompanhar o desenvolvimento de todas as fases. Em algumas das fases será fundamental o acompanhamento de um assistente médico: nas fases 1.0 e 2.0, em 8.0 e 9.0.

O ideal seria conseguir a participação de um estudante de medicina, de pós-graduação, indicado pelo professor Dr. João Paulo Botelho da Escola Paulista de Medicina.

De acordo com o cronograma antes indicado, ele participaria integralmente nos 3 primeiros meses de trabalho, razão pela qual seria necessário prever passagens para ele e um salário para esses 3 meses.

A participação desse assistente na fase de produção não lhe exigirá tempo integral e esperamos que não seja necessário um salário, ficando o seu trabalho a título de colaboração.

### • Problemas de produção

Para assegurar o bom andamento na produção dos videotapes, temos pensado na contratação temporária de 1 (um) câmera-man, 1 (um) técnico de vídeo e 1 (um) assistente de produção. Os dois primeiros para 3 meses e o terceiro para 10 meses. A contratação "free-lance" destes será para os momentos de maior necessidade principalmente os ligados à fase 9.0 e 10.0. Provavelmente será necessário o auxílio de um técnico de vídeo também para a fase 1.0, relativa à introdução

do VI entre os indígenas. Principalmente porque terão que se fazer adaptações para o campo, longe de todos os recursos técnicos dos grandes centros urbanos.

Para a produção com um equipamento mais ou menos volumoso e pesado, e o acúmulo de tarefas diferentes durante alguns momentos do desenvolvimento dos trabalhos se faz indispensável a ajuda de um assistente de produção, quem resolverá também problemas de contatos com pessoas, compras urgentes e outros imprevisíveis.

Todas estas pessoas deverão treinar oportunamente alguns índios, ou funcionários que assim o desejam tanto no manuseio do equipamento como em algumas tarefas. A intensão é que os instrumentos passem paulatinamente a ser operados de forma autônoma.

• Sobre orçamentos

Para dar uma idéia do custo de produção de vídeo-tape com uma equipe profissional, estamos anexando um orçamento que nos foi fornecida por uma pequena produtora paulistana com experiência em trabalhos na Amazônia, distante dos centros urbanos (Acre). O orçamento inclui tudo; a equipe entrega uma cópia editada como produto final. Os tapes originais pertencem à produtora e serão apagados e re-utilizados em trabalhos seus.

A produtora fez um preço especial ao conhecer que o projeto não tem fins lucrativos.

(Ver Anexo 3)

. Consideramos conveniente dispor do equipamento necessário à realização deste trabalho.

Como pode ser visto não compensa pagar o serviço de terceiros indefinidamente ou o aluguel de equipamentos. Contando com equipamento próprio se garantem a independência e a continuidade do trabalho. Apresentamos aqui um programa concreto, mas sem dúvida nenhuma ele terá um efeito multiplicador na demanda de informação e educação que deverá ser atendida. Paralelamente, acontecem no Brasil de hoje várias manifestações rumo à organização política dos próprios índios. Algumas das lideranças do movimento indígena a nível nacional com os quais temos discutido o presente projeto além de ter nos estimulado com o seu apoio, manifestaram o interesse em que uma vez conseguido o equipamento proposto, fique este acessível a eles para utilizá-lo no registro de encontros e outros eventos de interesse para a organização indígena.

Para cumprir oportunamente todas essas funções o equipamento poderia ser doado ao Centro de Trabalho Indigenista com essas especificações. A União das Nações Indígenas, único organismo político dos índios brasileiros, está ainda em fase de estruturação e por problemas legais ligados ao regime de tutela oficial a que estão submetidos os índios brasileiros, não dispõem eles da condição de pessoa jurídica que permita ainda uma doação direta a essa organização.

O Centro de Trabalho Indigenista é a instituição que melhor daria conta do uso de um equipamento como o aqui proposto. Com projetos em várias comunidades indígenas espalhadas por todo o Brasil é a entidade indigenista mais próxima dos índios já que seus trabalhos são realizados entre e com os índios, diferentemente das outras entidades indigenistas que defendem os índios entre os não-índios: no foro público, na escola, nos meios de comunicação de massas, etc.

- Apresentamos o "orçamento A" constituído de uma lista de preços baseada principalmente nas informações de uma casa especializada: a Panavisão e de informações fornecidas pela Sony do Brasil.
- O "orçamento B" refere-se à Manutenção do projeto e inclui custos para 15 meses de Pessoal, Administração, Material de Consumo e Manutenção, Transporte, Hospedagem e Alimentação durante as viagens.

No item "transporte" estamos incluindo o custo de um carro tipo furgão, a óleo diesel, com adaptações: isolamento térmico e prateleiras.

Quem conhece a geografia brasileira sabe muito bem que é impossível realizar este trabalho sem dispor de um veículo, por sua vez, pelas altas temperaturas de Mato Grosso, tem que se garantir um bom isolamento térmico. O carro deverá ter adaptações para seu uso específico.

Calculamos por alto o uso de 6 passagens aéreas São Paulo - Vilhena - São Paulo para serem usadas ao



longo de um ano pelas diferentes pessoas a que fazemos referência. Eventualmente o número pode variar dependendo da disponibilidade de veículo e das condições aceitas pelos outros participantes do projeto.

- . Eventualmente será necessário pagar alguns monitores indígenas e alguns serviços de tradução. Para estes fins, entre outros se destina a verba "serviços de terceiros" incluída no item Administração.
- . Dependendo dos benefícios sócio-econômicos solicitados pelos próprios índios podem surgir novas propostas orçamentais agora imprevisíveis, que poderão ser apresentadas oportunamente.

"ORÇAMENTO A"

Equipamento

QUANT. MODELO/DISCRIMINAÇÃO E PREÇO

|    |  |   |
|----|--|---|
| 01 | DXC-1800 PM Câmera de TV cromática portátil, sistema PAL'M, marca SONY   | preço total: ¥ 1.150.000,00                                   |
| 01 | CMA-7 AC adaptador para DXC-1800 PM  | preço total: ¥ 75.000,00                                      |
| 01 | VO-4800 PM Gravador portátil, sistema PAL'M, padrão U-MATIC, SONY.   | preço total: ¥ 742.500,00                                     |
| 06 | BP-60 - Bateria recarregável para DXC-1800 PM / VO 4800 PM   | preço unitário: ¥ 11.000,00<br>preço total: ¥ 66.000,00       |
| 02 | BC-20 - Carregador de baterias para BP-60  | preço unitário: ¥ 35.000,00<br>preço total: ¥ 70.000,00       |
| 01 | SAM-TPD-3 Tripé com base e rodízio com 2 pan.rod.  | preço total: ¥ 145.000,00                                     |
| 01 | ECM-50 PSW - Microfone de lapela, marca SONY.  | preço total: ¥ 35.000,00                                      |
| 01 | F-660 - Microfone dinâmico unidirecional   | preço total: ¥ 37.700,00                                      |
| 02 | VO 5850 PM - Gravador/ <sup>re</sup> produtor de som e imagem à cores, sistema PAL'M, som servo capstan e edição eletrônica, padrão U-MATIC, marca SONY. | preço unitário: ¥ 1.485.000,00<br>preço total: ¥ 2.970.000,00 |
| 01 | RM-440 - Controle remoto para edição eletrônica.   | preço total: ¥ 395.000,00                                     |
| 03 | PVM-9000 PM - Monitor de vídeo cromático, sistema PAL'M.   | preço unitário: ¥ 123.500,00<br>preço total: ¥ 370.500,00     |
| 03 | BP-80 - Bateria auto carregável para PVM-9000PM  | preço unitário: 26.000,00 ¥<br>preço total: ¥ 78.000,00       |
| 01 | Televisor colorido de 24 polegadas para a fase 10.0 (exibição dos programas)   | preço total: ¥ 400.000,00                                     |

VALOR TOTAL DOS EQUIPAMENTOS SONY: (FOB YEN): ¥ 6.534.700,00

PARTICIPAÇÃO NACIONAL DA SONY PARA EQUIPAMENTOS EM PAL'M: 15%  
: ¥ 960.305,00

VALOR TOTAL EM EQUIPAMENTOS DA SONY: ¥ 7.495.700,00  
Cotação do Yen em dollar americano:

US\$ 1,00 ≅ ¥ 233,36

Valor total do equipamento em dollar americano: US\$ 32.121,18

Outro equipamento

|    |                                 |               |
|----|---------------------------------|---------------|
| 01 | Gerador de 2.000 W (3KVA)       | US\$ 1.900,00 |
| 01 | Gravador UHER ou SONY           | US\$ 1.000,00 |
| 01 | Um kit de iluminação de 2.000 W | US\$ 500,00   |

VALOR TOTAL/EQUIPAMENTO US\$ 35.521,18

"ORÇAMENTO B"

Manutenção para 15 meses

| a) Pessoal   | US\$             |
|--|------------------|
| 01 Coordenador geral (integral)  | 22.500,00        |
| 01 Assistente médico (3 meses)   | 4.500,00         |
| 01 Camera-man (free-lancer- 3 meses)   | 4.500,00         |
| 01 Técnico de vídeo (free-lancer- 3 meses)   | 4.500,00         |
| 01 Assistente de produção (10 meses)   | 6.000,00         |
|  | <u>42.000,00</u> |
| <br>b) Administração   |                  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. Central de trabalho (aluguel) para               <ul style="list-style-type: none"> <li>- produção</li> <li>- edição</li> <li>- arquivo de fitas</li> <li>- armazenagem e manutenção de equipamento</li> <li>- telefone</li> <li>- carga aérea</li> </ul> </li> </ul> | 5.000,00         |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. Serviços de terceiros ( monitores, etc.)</li> </ul>   | <u>2.000,00</u>  |
|  | <u>7.000,00</u>  |
| <br>c) Material de Consumo e manutenção para gravação  |                  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. 100 fitas para VT 3/4 UMATIC-MAC UCA 60</li> <li>. 100 fitas cassette</li> </ul>  | 7.000,00         |
|  | <u>1.000,00</u>  |
|  | <u>8.000,00</u>  |
| <br>d) Transporte  |                  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. 6 passagens aéreas São Paulo-Vilhena-São Paulo:</li> </ul>  | 5.000,00         |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. transporte de pessoal e equipamento em campo:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- veículo tipo furgão com adaptação térmica e pratilheiros. A óleo diesel e de segunda mão:</li> </ul> </li> </ul>   | 18.000,00        |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- combustível</li> <li>- Peças de reposição</li> <li>- serviços de mecânica</li> </ul>  | 7.000,00         |
|  | <u>1.000,00</u>  |
|  | <u>1.000,00</u>  |
|  | <u>32.000,00</u> |
| <br>e) Hospedagem e Alimentação durante as viagens   |                  |
|  | 1.000,00         |
| Manutenção - Total geral.....  | 90.000,00        |

VALOR TOTAL DO PROJETO PARA 15 MESES

Total para equipamento

US\$ 35.521,18

Total para manutenção

US\$ 90.000,00

---

TOTAL GERAL

US\$ 125.521,18

## ANEXO 1

Porque video-tape e não audio-visual ou cinema. Critérios

Entre o video-tape e o cinema foi, em princípio, escolhido o primeiro por uma questão de peso e portabilidade versus rendimento.

Entre as objeções que se fazem ao audio-visual está o aspecto da dificuldade de acesso ao laboratório. Descarta-se o processamento em campo por causa da falta de controle sobre a qualidade do material. por não se obter um resultado imediato, pela necessidade de um lote para revelar. Mas a questão definitiva é a da linguagem. Não há nenhum argumento para demonstrar que a imagem estática seja para o caso, mais comunicativa que a imagem em movimento, sobretudo quando muitas imagens cotidianas serão documentadas. O trabalho para elaborar uma linguagem para as fotografias seria muito maior, em termos de fazer decupagem, por exemplo. Em geral, a nível de impacto, a linguagem do video-tape é muito mais facilmente lida do que a imagem estática que é uma abstração do movimento real. O video-tape, na maioria dos povos, é de impacto e assimilação quase imediata, em quanto que o audiovisual exige um trabalho de preparação muito demorado para que finalmente se consiga fazer a leitura. O tempo que seria necessário utilizar na produção poderia ir em prejuizo das outras atividades. Nada ajuda a acreditar que o sistema venha a ser aceito como um discurso fluido. Pensando em culturas de tradição oral, ágrafas, arriscamos a afirmação de que é possível uma analogia entre a linguagem do video-tape e a fala, enquanto que a analogia da fotografia é com a escrita.

## ANEXO 2

De uma conversa mantida com o Dr. João Paulo Botelho, professor da Escola Paulista de Medicina, na qual ele concordou com a validade e a urgência do presente projeto, e se prontificou a colaborar como orientador médico, ficou a seguinte minuta que documenta o seu interesse em participar: (Vide manuscrito a continuação.)

Temas para slides e videotapes educativos de saúde a serem demonstrados aos índios de acordo com o grau de aculturação

João Paulo Botelho Vieira Filho

Professor Adjunto, com Tese de Doutorado em medicina sobre populações indígenas brasileiras, do Departamento de Medicina, da Escola Paulista de Medicina

Conselheiro Científico do Centro de Estudos de Antropologia Médica (CEPAMI)

membro da Sociedade Brasileira de Antropologia e da Comissão Pró-Índio de S. Paulo

1.) Aculturação alimentar evônica, dependência de produtos industrializados, introdução do açúcar cristalizado e gordura, em excesso e retirada de fibras vegetais, aparecimento e expansão de uma série de doenças do Ocidente ou de industrializações.

a.) leite materno substituído pelo leite de vaca ou industrializado com o rebaixamento imunológico da criança

b.) Obesidade

c.) Diabetes mellitus

d.) Hipertensão arterial

e.) Colecistite calculosa

f.) cáries dentárias e perda dos dentes

g.) queda do estado de nutrição



2.) Alcoolismo

- a.) cirrose hepática e ascite
- b.) desintegração psicológica
- c.) criminalidade

3.) Preservação de florestas, rios e meio ambiente como fonte de alimentos

4.) Principais doenças transmissíveis que adquirem em núcleos de civilizados regionais

a.) Doenças venéreas, prostituição, blenorragia e cegueira de crianças - adultos com o exemplo dos Paracaná, sífilis com abortamentos e estigma facial e lesões cardíacas - neurológicas.

- b.) tuberculose
- c.) hepatite
- d.) malária
- e.) gripe

5.) Slides explicativos da necessidade de vacinas contra

- a.) sarampo
- b.) coqueluche
- c.) tétano do recém nascido e rebeção com fezes de burros, jumentos, cavalos, gado bovino, caprinos nos centros de aldeias. Tétano do adulto.
- d.) difteria
- e.) paralisia infantil ou poliomielite (Paracaná)
- f.) BCG contra a tuberculose

5-) febre amarela

6-) Equilíbrio psíquico com manutenção da cultura do grupo tribal, festividades. Comparação com festas dos civilizados regionais com agressividade e alcoolismo.

7-) Mudança de tradicional casa de palha para a casa de barro, propiciando a vinda do barbeiro ou chupança (Triatomídeo) transmissor da moléstia de Chagas que é uma grave cardiopatia. Aculturação habitacional evitável.

8-) Ciclos de parasitas intestinais

a-) ancilóstomos e necator

b-) áscaris

c-) Taenia solium da carne de porcos domésticos e das fezes com graves lesões cerebrais

d-) amebas (Entamoeba histolytica).

e-) esquistossomose

9-) Animais domésticos como transmissores de várias doenças

a-) raiva ou hidrofobia

b-) leishmaniose visceral

c-) toxoplasmose causando microcefalia e hidrocefalia

d-) bicho do pé (Tunga penetrans)

A Alba Figueiroa  
USP - Crusp  
Bloco A- Ap. 107

Orçamento para a produção de video-tape em equipamento "U-Matic".  
Este orçamento foi calculado tomando-se como base, um período  
de trabalho em campo de trinta dias, em região isolada do Es-  
tado do Mato Grosso, a ser definida.

- Diária de equipe, incluindo: Direção, camera-man, operador  
de audio e vídeo. ....Cr\$ 40.000,00
- Diária de unidade móvel de externa, incluindo: Camera, grava-  
dor de VT, som direto, monitor, iluminação, etc.  
.....Cr\$ 50.000,00
- Transporte de equipe por via terrestre:  
    Kilometro rodado.....Cr\$ 30,00
- Despesas de alimentação e estadia, contra apresentação de  
notas fiscais. (aproximadamente Cr\$15.000,00) por dia.
- Edição: (audio e vídeo).....Cr\$ 40.000,00 por hora.  
(Incluindo roteiro)

Fico à disposição para qualquer informação complementar e  
para a apresentação de trabalhos já realizados,  
um abraço,

*Gil Ribeiro*  
Gil Ribeiro

Rua Marechal Deodoro 852, Sto. Amaro, S. Paulo, Capital  
Tel. 247-21-15

## BIBLIOGRAFIA

A - Sobre os Nambiquara e os projetos do Governo na região

Anthropology Resource Center

1980 Extermination of the Nambiquara. In ARC BULLETIN No. 2:7-9. Boston: ARC.

Aspelin, Paul L.

1975 EXTERNAL ARTICULATION AND DOMESTIC PRODUCTION: THE ARTIFACT TRADE OF THE MAMAINDÉ OF NORTHWESTERN MATO GROSSO, BRASIL. Ithaca, NY: Cornell University, Latin American Studies Program.

Boglar, Lajos

1969 Contribution to the Sociology of the Nambiquara Indians. ACTA ETHNOGRAPHICA 18:237-246.

Brasil-Ministério do Interior, da Agricultura, dos Transportes,

1979 Programa Integrado de Desenvolvimento do Nordeste do Brasil: Área de Influência da Ligação Rodoviária Cuiabá-Porto Velho. Unpublished.

Carelli, Vincent e Milton Severiano

1980 MÃO BRANCA CONTRA O POVO CINZA. Brasil Debates e Centro de Trabalho Indigenista.

Cultural Survival, Inc.

1981 In the Path of Polonoroeste: Endangered people of Western Brazil. Occasional Paper 6.

1979 BRAZIL. Special Report No. 1. Cambridge, MA: Cultural Survival Inc.

1980 Polonoroeste, The BR-364 Highway, and Indians in Brazil. In CULTURAL SURVIVAL NEWSLETTER 4(4):1-6.

Davis, Shelton H.

1977 VICTIMS OF THE MIRACLE: DEVELOPMENT AND THE INDIANS OF BRAZIL. Cambridge: Cambridge University Press.

Goodland, Robert

1980 Environmental Ranking of Amazonian Development Projects in Brazil. In ENVIRONMENTAL CONSERVATION 7(1) 1980: 9-26.

Lévi-Strauss, Claude

1948 La vie familiale et sociale des indiens Nambikwara. JOURNAL DE LA SOCIÉTÉ DES AMÉRICANISTES DE PARIS 37: 1-132.

Price, David

1972 Nambiquara Society. Unpublished doctoral dissertation, Department of Anthropology, University of Chicago.

1978 The Nambiquara Linguistic Family. Anthropological Linguistics 20(1):14-37.

- 1981 Nambiquara leadership. AMERICAN ETHNOLOGY 8(4).
- 1982 A reservation for the Nambiquara. In INVOLUNTARY MIGRATION AND RESETTLEMENT, THE PROBLEMS AND RESPONSES OF DISLOCATED PEOPLE, Edited by Art Hansen and Anthony Oliver-Sith, Westview Press, Boulder, Colorado.
- Rondon, Cândido Mariano da Silva  
1947 HISTORIA NATURAL: ETNOGRAFIA. Publicação nº 2 da Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas; Anexo No. 5 Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Roquette-Pinto, E.  
1935 RONDÔNIA. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Setz, Eleonore  
nd Plano de pesquisa: Ecologia alimentar em um grupo indígena: Comparação entre aldeias de floresta e de cerrado. Universidade Estadual de Campinas, MS
- Survival International, USA  
1981 Brazil: Polonoeste Development Project. Letter dated 11 August 1981.
- World Bank  
1981 BRAZIL: INTEGRATED DEVELOPMENT OF THE NORTHWEST FRONTIER. Washington, DC: The World Bank.
- B - Sobre Antropologia Médica
- Costa, Ana Maria  
1978 Alimentação e Saúde: um estudo em antropologia da Saúde. Dissertação de mestrado da Universidade de Brasília.
- Fabrega, Horacio  
Elementary Medical Systems.
- 1973 Illness and Shamanistic curing in Zinacantan: an ethnomedical analysis, by Horacio Fabrega Jr. and Daniel B Silver, Stanford, Stanford University Press
- Foster, George McClelland and Barbara Callatin Anderson, Medical Anthropology, New York, John Willey and Sons.  
1978
- Friedemann, Nina S. de  
1981 Escultores de espíritus, in LAMPARA No. 83 Vol XIX, Bogotá.
- Golingin, Ana Lúcia  
1977 Cura no Vale do Amanhecer. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília.
- Maués, Raymundo Heraldo  
1977 A Ilha Encantada: Medicina e Xamanismo numa comunidade de Pescadores, dissertação de mestrado da uni-

versidade de Brasília.

Poblacion, Dinah Aparecida de Melo Aguiar  
1979 Comunicação, Informação e documentação na área de saúde com especial referência ao Brasil. Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo. ECA.

Young, Lorne  
1976 Implications of Medical Beliefs and Practices for Social Anthropology. AMERICAN ANTHROPOLOGIST Volume 78(1), 5-25.

Revistas:

CULTURE, MEDICINE AND PSYCHIATRY.

MEDICAL ANTHROPOLOGY

MEDICAL ANTHROPOLOGY NEWSLETTER

C - Bibliografia Geral

Cunha, Maria Manuela Carneiro da,  
1978 Os Mortos e os Outros. Ed. Hucitec, São Paulo.

Durkheim, Emile e Marcel Mauss  
1903 Algumas formas Primitivas de Classificação -- uma contribuição ao estudo das representações coletivas, publicado originalmente in Année Sociologique, vol. VI (1901-2), Paris, pp 1-72. Tradução em cópia mimeográfica pela Universidade de Brasília.

Lévi-Strauss, Claude  
1970 Antropologia estrutural. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

Milanesi, Luis Augusto  
1978 O Paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Seeger, Anthony, Roberto da Matta, E.B. Viveros de Castro  
1979 A construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras, BOLETIM DO MUSEU NACIONAL nº 32, mes de maio.

Sigaud, Lígia  
1978 A morte do Caboclo: Um exercício sobre sistemas classificatórios, BOLETIM DO MUSEU NACIONAL nº 30, mes de dezembro.